

Márcia Maria Duarte
dos Santos

Espaço e representação nas Minas setecentistas

Raro exemplar da cartografia e da informação geográfica do Setecentos, o *Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* ganha relevo como importante fonte histórica primária, quando comparado a outras representações cartográficas características daquele período.

> O *Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* faz parte de um conjunto, relativamente numeroso, de mapas do território mineiro com a configuração geográfica consolidada ao longo do Setecentos que pode ser encontrado em instituições arquivísticas e museológicas, no Brasil e em Portugal.¹ Do mapa em questão, dois exemplares manuscritos, aquarelados, fazem parte, respectivamente, dos acervos da Biblioteca Nacional (BN) e da Mapoteca do Itamaraty (MI), ambas as instituições situadas na cidade do Rio de Janeiro, no Estado homônimo; e outro exemplar, uma fotocópia do original da BN, compõe o acervo do Arquivo Público Mineiro (APM), em Belo Horizonte, Minas Gerais.² Caio César Boschi registra ainda a existência de outro exemplar manuscrito, também aquarelado, pertencente ao Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, em Lisboa, Portugal.³

O mapa, nas três versões conhecidas, como muitos dos realizados sobre a Capitania de Minas Gerais, não é autografado, e apenas o exemplar existente em Portugal, segundo a descrição feita por Caio César Boschi, apresenta-se datado, registrando o ano de 1816.⁴ Na descrição do mapa, no catálogo digital da BN, encontra-se anotado que a representação é do século XVIII (17--), enquanto Isa Adonias e Santos, sobre o exemplar da MI, descrevem-no, respectivamente, como da segunda década do século XIX (18--) e do final da primeira.⁵ Cláudia Damasceno Fonseca, ao usar o exemplar da BN, como fundo de mapa, tendo em vista localizações de dados temáticos, concorda com a descrição da instituição de origem da fonte cartográfica, registrando que se trata de um mapa do final do Setecentos.⁶

Não obstante a falta dos elementos cartográficos indicados anteriormente e as propostas ou registros diferentes sobre a data de realização do mapa, outros elementos presentes na representação podem fornecer

alguma informação sobre o autor e indicar a data dos dados cartografados. Desse modo, é possível, também, propor uma época mais provável para a sua execução, bem como sugerir algo sobre o contexto em que foi elaborado. Os elementos registrados na cartografia permitem também um julgamento do valor do documento como fonte primária de dados, tendo em vista o descortino do seu testemunho sobre a geografia da Capitania de Minas Gerais. Com vistas à consecução desses propósitos, enfocam-se, neste artigo, os elementos cartográficos que indicam propriedades matemáticas e espaciais, tais como rede de coordenadas geográficas e escala; tornam possível a decodificação dos signos cartográficos (legenda); e ampliam os dados representados, a exemplo das notas explicativas.

Propriedades cartográficas

Na construção do *Mappa Topografico e Idrografico*, considerando a sua rede de paralelos e de meridianos, verifica-se que o autor emprega uma projeção muito usada na época, conhecida como Plana Quadrada.⁷ Essa projeção caracteriza-se por apresentar as medidas de latitudes e longitudes em eixos traçados perpendicularmente, com espaçamentos invariáveis, registrados em ambos os lados, concernentes a cada uma das medidas, no espaço de representação. Desse modo, no mapa, as medidas das coordenadas são anotadas nos eixos das latitudes com espaçamento de 1^o, variando de -13^o a -24^o, e, nos das longitudes, de 1^o, variando de 334^o a 344^o, crescentemente para leste, como de costume no Setecentos.⁸ Em relação às longitudes, o autor não registra o meridiano de origem das medidas, o que, no Seiscentos e Setecentos, era também omitido por muitos cartógrafos, fossem eles considerados e denominados cosmógrafos, engenheiros militares, geógrafos ou desenhadores.

Essa omissão ocorria principalmente quando se usava uma referência que pode ser chamada de internacional, como o emprego do “meridiano de Ferro”.⁹ Esse foi acolhido pela cartografia europeia, incluindo a luso-brasileira, após sua definição por uma comissão de especialistas franceses, escolha que foi referendada, em 1634, por decreto de Luis XIII.¹⁰ Sua posição corresponde ao ponto exterior mais ocidental da ilha homônima, situada no arquipélago das Canárias, próxima ao litoral noroeste africano, e a uma distância de 17^o 39' 46", a oeste do meridiano de Greenwich.¹¹ A falta do registro do meridiano de origem das longitudes acontecia, também, por motivos estratégicos e políticos. A informação era deliberadamente omitida pelos cartógrafos portugueses para evitar que as potências rivais conhecessem, de forma mais precisa e sem ambiguidades, as posições geográficas do Império lusitano. Por isso, no *Mappa Topografico e Idrografico* a falta da indicação do meridiano de origem das medidas de longitude não chama a atenção dos estudiosos, embora isso possa dificultar sua análise. Ao contrário, a extensão definida pelo autor para o espaço de representação causa estranheza não pelo intervalo compreendido pelas longitudes 334^o e 344^o, mas por seus limites.

Os autores da cartografia da Capitania de Minas no Setecentos trabalhavam, de modo geral, em um espaço de representação definido por um intervalo de 10^o, como se verifica no mapa em foco. Tratando-se de mapas em que as medidas de longitude tinham como origem o meridiano de Ferro e crescentes em direção leste, colocando-se de acordo com o mapa estudado, o comprimento do espaço de representação apresentava-se, porém, limitado pelos valores 327^o e 337^o. Essas medidas podem ser conferidas, por exemplo, em dois originais de José Joaquim da Rocha, pertencentes à BN e ao Arquivo Histórico do Exército (AHEx), denominados, respectivamente, *Mappa da Capitania de Minas Geraes: que mandou fazer o Illmo. e Exmo. senhor D. Ant^o. de*

*Noronha, governador e capitão geral da mesma capitania, de 1777, e o Mappa da Capitania de Minas Geraes Com a devisa de suas Comarcas, realizado em 1778.*¹²

Tais medidas podem ser verificadas também em outro original, sem data e autor, uma litografia pertencente ao acervo da BN, denominada *Planta Geral da Capitania de Minas Geraes*.¹³ Nesses mapas encontram-se ainda o exemplo do que se afirmou anteriormente, a propósito da indicação do meridiano de origem. Nos mapas de José Joaquim da Rocha, reputado como grande cartógrafo, o meridiano de Ferro não é registrado, enquanto, no segundo, anônimo, sim.¹⁴

Os limites do espaço de representação do *Mappa Topografico e Idrografico*, característica que o diferencia de muitos mapas do território mineiro, aproximam-no do assinado por Caetano Luis de Miranda, datado de 1804, denominado *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes*.¹⁵ Esse mapa, que também não registra o meridiano de origem, foi estudado por mim e por Jorge Pimentel Cintra, que definimos, a partir do seu georreferenciamento, o meridiano de Praia, situado a 23^o 34' a oeste de Greenwich, como origem das longitudes apresentadas.¹⁶ Esse meridiano recebe o nome da capital de Cabo Verde, localizada na ilha Santiago do arquipélago citado, posicionado bem ao largo das costas ocidentais atlânticas da África, ainda no Hemisfério Norte, mas ao sul do arquipélago das Canárias. A princípio, tendo em vista os mesmos valores que limitam os espaços de representação em ambos os mapas, pode-se apresentar, como hipótese mais provável, o meridiano de Praia como origem das longitudes registradas no *Mappa Topografico e Idrografico*.

Propriedades cartográficas: meridianos

Embora o emprego do meridiano de Praia seja inusitado na cartografia da América portuguesa e,

particularmente, na da Capitania de Minas Gerais, outros meridianos, referenciados também por ilhas de Cabo Verde, como o de Santo Antão e o de Fogo, foram usados por cartógrafos portugueses e outros europeus. O de Santo Antão era bastante adotado pelos portugueses como a origem das longitudes para a definição da posição da linha de Tordesilhas. A situação daquela ilha, a mais ocidental do arquipélago, favorecia o aumento da área portuguesa na América. Por sua vez, o meridiano de Fogo foi adotado pelos flamengos Ortelius, Blaeu e Jansson como origem das longitudes nas suas cartografias produzidas nos Quinhentos e Seiscentos.¹⁷ Outros meridianos, além dos já citados, balizados também por ilhas, porém situadas em arquipélagos africanos, foram também muito usados. As ilhas São Miguel e Santa Maria, localizadas nos Açores, foram referências na cartografia inglesa do Quinhentos, em especial, nas cartas produzidas por Davis e Saxton.¹⁸

A tendência de situar-se o meridiano de origem em ilhas vai se enfraquecendo à medida que observatórios astronômicos vão sendo construídos, destacando-se as iniciativas de franceses e ingleses. O astrônomo e cartógrafo francês Roger Delisle revolucionou, no início do Setecentos, os cálculos da longitude, ao publicar um tratado sobre a determinação dessas medidas por intermédio da observação dos eclipses das luas de Júpiter. Com base nesse método, tabelas ou tábuas de longitudes eram organizadas e entre as mais famosas por sua precisão encontravam-se as do observatório de Paris. A importância dessa conquista para a atividade cartográfica foi enorme. Como observamos eu e Cintra,¹⁹ uma vez que se conheça

[...] a longitude precisa de um ponto qualquer da superfície terrestre – Lisboa, Rio de Janeiro ou Praia – em relação a um observatório, por exemplo, Paris [ou ao meridiano definido pelo

observatório], era possível utilizar as tabelas desse observatório e referir as coordenadas ao ponto que se desejava – Lisboa, Rio de Janeiro, Praia – mediante uma simples translação. O valor da translação é precisamente a longitude desse ponto.

A mesma suposição levantada sobre o trabalho de Miranda pode ser estendida ao do autor do *Mappa Topografico e Idrografico*. Se o autor anônimo, como Miranda, não fez determinações astronômicas, o que implicava o uso de equipamentos e conhecimento especializado, empregou, de qualquer forma, conhecimentos para a definição das longitudes no seu mapa que não eram banais, e, geralmente, dispensados na formação dos engenheiros militares, geógrafos e astrônomos, entre outros.

O intrigante, no caso de Miranda, é que, a partir do levantamento de seus dados biográficos,²⁰ sabe-se que o autor, nascido no Arraial do Tejuco (mais tarde a cidade de Diamantina – MG), onde trabalhou na Intendência dos Diamantes, tinha habilidades artísticas reconhecidas, documentadas por autores como Aires da Mata Machado Filho e Joaquim Felício dos Santos.²¹ Todavia, não consta, segundo o levantamento realizado, que o autor tenha sido educado formalmente com vistas ao desempenho de atividades cartográficas. De acordo com Santos *et al.*,²² Miranda era filho de um artista também muito talentoso, Antônio Pinto de Miranda (1730 – *circa* 1790), autor da *Planta do Arraial do Tijuco*, realizada em 1784.²³ É provável, sempre de acordo com os autores citados, que o seu talento, um traço de família, e algum aprendizado com o pai tornaram Caetano, o filho, capacitado para o trabalho cartográfico e artístico.²⁴ Esse trabalho, por sua vez, foi ensejado por sua ocupação na Intendência dos Diamantes e por sua posição na comunidade do Tejuco, que o considerava um dos notáveis do arraial.



Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes. Autor desconhecido, [17--]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Diante os dados biográficos de Miranda, pode-se perguntar se o autor do *Mappa Topografico e Idrografico* não seria o responsável pela base cartográfica que foi usada posteriormente pelo próprio Miranda na *Carta Geographica*. As bases desses mapas, nota-se, apresentam *petipés* diferentes. Porém, as escalas correspondentes mostram uma diferença insignificante, ou seja, em torno de 2,1% entre a maior e a menor, respectivamente atribuída ao *Mappa Topografico e Idrografico* e à *Carta Geographica*. O *petipé* do *Mappa Topografico e Idrografico* mede 11,5cm e representa 30 léguas, marcando submúltiplos dessa medida, o que atesta os cuidados do autor para facilitar a tomada de medidas lineares no mapa.²⁵

Essa escala, usando expressão de época, corresponde a cerca de uma polegada para cada 7,174 léguas, que atualizada para o sistema métrico indica: cada 2,75cm é equivalente a 4,427km; ou cada 1cm teria o valor de 1,610km, o que pode ser representado numericamente pela relação 1:1.610.303,4. Por sua vez, a *Carta Geographica* registra um *petipé* que mede 7,5cm, correspondendo a 20 léguas. A relação expressa de uma polegada para cada 7,333 léguas pode ser referida como 2,75cm para 4,526km; 1cm para cada 1,646km; ou, ainda, numericamente, 1:1.646.088.

Essas escalas situam os mapas em questão na posição intermediária entre os que representam a capitania com as maiores e os que o fazem em menores escalas. Para se ter uma noção da ordem dessas grandezas, cita-se a *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes e Partes Confinantes*, de 1767 e autor desconhecido, pertencente ao acervo do AHEX, como exemplo de mapa realizado em grande escala, no caso, correspondente ao valor 1:735.834,039 (18 léguas = 15,1cm; 1 polegada = 3,278 léguas; 1cm = 7,35km.²⁶ O *Mappa da Capitania de Minas*

Geraes com a devisa de suas Comarcas e a Planta da Capitania de Minas Geraes, já citados, são exemplos de representações realizadas em escalas menores, respectivamente: 1:3.292.176 (40 léguas = 7,5cm; 1 polegada = 14,666 léguas; 1 cm = 3,292km).

Se as escalas dos mapas da capitania são variadas, o nível de generalização das informações geográficas representadas também apresenta variações. Entretanto, relativamente a essa propriedade, é possível aproximar um mapa de outro, considerando a grandeza de suas escalas. Ressalta-se, nesse caso, que o *Mappa Topografico e Idrografico* e a *Carta Geographica* apresentam o mesmo nível de generalização da informação compatível com as escalas de ambos.

Geografia da capitania de Minas Gerais

O *Mappa Topografico e Idrografico* destaca, no espaço de representação, os elementos geográficos que anuncia no seu título. O relevo é particularmente realçado com o uso da técnica de sombreamento, que não é empregada em nenhum dos mapas da capitania já citados. A técnica adotada, com vistas à superação da figuração do relevo por signos e símbolos – que informam a localização e, às vezes, a orientação –, procura destacar o volume e a configuração das formas de relevo.²⁷ Sua realização não alcança bons resultados, denotando apenas uma maior qualificação do autor, consentânea com os avanços da cartografia dos finais do Setecentos e início do Oitocentos.

A propósito da hidrografia, verifica-se que essa é apresentada no *Mappa Topografico e Idrografico* com maior riqueza de elementos, comparativamente aos mapas de escala maior e/ou mais antigos da capitania, mostrando um avanço em relação ao conhecimento dos recursos hídricos do território. Não obstante, muitos equívocos permanecem e se relacionam principalmente



Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes. Caetano Luis de Miranda, 1804. Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro.

à drenagem da região oriental mineira. Nessa área, pode-se citar a propósito a indicação do Rio S. Mateus ao norte do Rio de Todos os Santos, afluente do Rio Mucuri, quando deveria ocorrer o contrário. A informação é invariável e repetidamente registrada em outros mapas: o de 1767, de autor desconhecido; os de 1777 e 1778, de Rocha; da litografia, sem data e autor; e o de 1804, de Miranda. Outro exemplo de imprecisão, presente nesses mapas, como no *Mappa Topografico e Idrografico*, é o traçado do Rio Doce, orientado das suas nascentes em direção aos limites da capitania, no sentido oeste-leste, desconhecendo-se que o rio corre de sul para norte, em todo o seu alto curso, infletindo, a partir do médio curso, para leste.

O autor do *Mappa Topografico e Idrografico* não representa a vegetação, como de resto os autores dos outros mapas da capitania já mencionados. Porém, no primeiro, por meio de uma nota posicionada abaixo do título, o cartógrafo informa: “Toda esta Capitania he coberta de Ma(...)tas, e só nas Comarcas do Rio das Mortes, Sabará, e Serro tem manxas de Campo”. Essa informação é também registrada na *Carta Geographica*, de Miranda, posicionada abaixo da legenda.

Notas informativas

É também por meio de notas que o autor do mapa estudado inscreve informações sobre o gentio, geralmente a propósito daquele não aldeado. Sua presença no noroeste da Comarca do Sabará, entre o Rio Claro, afluente do Urucuia, e o Rio Caririnha, próximo das divisas da Capitania de Minas com a de Pernambuco, é citada em nota transcrita a seguir: “Certão vadeado pello Gentio Caepô (Caipós) [...] q’ tem feito ostilidades aos viagantes”. Esse registro, que também é encontrado no mapa de Miranda, está presente na monografia de José Joaquim da Rocha, sobre aspectos históricos e geográficos da capitania,

que começou a ser divulgada em 1778, entre os governantes de Minas e estudiosos, embora não tenha sido colocada em nenhum dos seus mapas citados.²⁸

No espaço correspondente à região oriental da Comarca de Vila Rica, verificam-se duas notas: a primeira na margem esquerda do *Rio Manhuasu* (Manhuaçu) – “Certão inculto dominado pelo barbo Gentio Pori” (Puri); e a segunda nas proximidades da capela S. Manoel (Eugenópolis, sede municipal, MG), margem esquerda do Rio Pomba, afluente do Paraíba do Sul: “Aldeya dos Indios Croados (Coroados) berta p.^{lo} S. Luis Diogo”.²⁹ Na Comarca do Serro Frio, são encontradas as seguintes referências, no curso médio do Rio Arapuca, subafluente do Doce: “Estas quatro Aldeyas de Índios Malalis são governados p.^{lo} uma Preta”.³⁰

Essas informações são complementadas por outras expressas por signos e sinais que indicam a localização de aldeias, ou seja, dos gentios “domesticados”. Assim, constata-se que na Comarca do Rio das Mortes, para a qual não foi feita nenhuma nota, também não se assinalam aldeias, assim como na Comarca de Sabará. Na Comarca de Vila Rica, encontra-se marcado apenas o aldeamento que foi comentado na nota; e na Comarca do Serro Frio, o maior número de aldeias refere-se aos maxacalis, nas nascentes do Rio Tambacori (Itambacori); aos Maconis e Capôxes (capoxós), nas nascentes do Ribeirão de Todos os Santos; aos cotoxês e panhames, na margem direita do Rio São Mateus; e, novamente, os panhames, nas nascentes de um dos formadores do Rio Piauí, afluente do Jequitinhonha.

É importante destacar que o autor se refere a vários povos da língua maxacali e a grupos de botocudos, informação que é encontrada nos outros mapas da Capitania de Minas Gerais. Não obstante, há pequenas variações entre essas cartas, sobretudo em relação

à indicação de grupos de gentios ou de alguma característica desses, embora todos sigam o mesmo padrão quanto às circunscrições políticas em que esses grupos se encontravam. A análise do conjunto desses mapas pode trazer informações de interesse sobre a sua distribuição espacial e o avanço da administração da capitania em relação ao aldeamento. E, novamente, pode-se afirmar que em relação a este tema há grandes semelhanças entre o *Mappa Topografico e Idrografico* e a *Carta Geographica*.

Ainda a propósito das notas explicativas, há no mapa do autor desconhecido, comparativamente com os outros mapas citados, um maior número de registros que destacam o recuo das fronteiras dos “sertões” na porção ocidental do território mineiro e a manutenção de áreas com aquele *status* na sua região oriental. Nesse sentido, no sudoeste da Comarca de Sabará já se encontra o topônimo *Campo Grande*, nomeando a área compreendida entre os rios *Bambo* (Bambuí) e *Escuro*. Na Comarca do Rio das Mortes, há referências a um topônimo, *Campinas do Barbas de Bode*, ao sul do Rio *Bambo* e ao norte da Serra da Canastra, onde se registra *Cabeceiras do R^o do S. Fran.^{co}* E na Comarca do Serro Frio há duas notas sobre os sertões: ao norte do Rio S. *Matheus* – *Certão inculto*; e ao sul do Rio *Pardo* – *Certão sem cultura até o Mar*.

Ao tratar desse tema, o autor, ainda quando se refere à Comarca do Rio das Mortes, faz uma breve referência a uma ação de outro governador da capitania, informação colocada a oeste e a leste, respectivamente, das nascentes dos rios Preto e Grande: *Certão da Mantiq.^a a baixo mandando ivadir pello Sr. D. Rodrigo*.³¹ A menção a uma autoridade também ocorre no mapa de Miranda, outra semelhança entre ambos que pode ser apontada.

As notas explicativas presentes no *Mappa Topografico e Idrografico* deixam ainda inscritas, direta ou

indiretamente, informações sobre a atividade mineradora da capitania. Na Comarca de Sabará, essas notas são colocadas próximas a signos e sinais referentes aos registros, a saber: *Destacam.^{to} das Gontas q^e empede o extravio do Ouro em pô*, margem esquerda o Rio *Andayá (Andaiá)*, afluente do Rio São Francisco; *Destacam.^{to} do R. da Prata, e guarda de Diamantes*, nas mediações do Rio *Escuro*; *Destacam.^{to} Diamantino da Varge bonita q^e guarda estes rios*, margem do Rio do Sono, afluente do Paracatu; e *Guarda de Diam^{tes}*, na margem esquerda do Rio *Abaete*, próximo a sua barra no São Francisco.

Se essas notas distinguem o mapa em estudo de outros da capitania, inclusive da *Carta Geographica*, outra nota, na Comarca do Serro Frio, nas proximidades de dois afluentes do Rio Piauí, não nomeados, aproximam-no daquela, registrando: *Nestes rios se tirão as Grizolitas, Safiras e pingos de Agoa os milhores*. De acordo com Santos, “esses minerais correspondentes a um tipo de olivina e ao coríndon foram, certamente, confundidos com as turmalinas que ocorrem na região indicada”.³² Esse registro também é encontrado na monografia de José Joaquim da Rocha e pode ser observado nos seus mapas.³³

Afora essas informações geográficas, as relacionadas às fazendas, aos caminhos, aos registros e às povoações são indicadas por meio de signos – signos-sinais e signos-símbolos –, cujos significantes e significados estão registrados na legenda. Nota-se que a localização das fazendas, como em todos os outros mapas citados, não é um indicativo da distribuição ou da densidade espacial desses estabelecimentos no território mineiro. Essa pontuação ocorre, apenas, para auxiliar a configuração dos caminhos que são representados, marcadamente as ligações internas entre as vilas e a única cidade da capitania, Mariana, e as articulações externas do território mineiro com os das capitanias limítrofes.

Caminhos e povoações

Destaca-se a variante do Caminho Novo que ficou conhecida como *Caminho do Proença*.³⁴ Nessa importante ligação entre a capitania de Minas Gerais e a do Rio de Janeiro – indicada pelo registro do *Paraibuna* (distrito de Paraibuna, município de Simão Pereira) – a articulação existente na *V.^a nova de Barbacena* (Barbacena) propiciava comunicações com Goiás e o Mato Grosso, cortando o território da Comarca do Rio das Mortes e depois a de Sabará. Destacam-se, também, os caminhos conhecidos como do Campo e do Meio que ligavam *Villa Rica* (Ouro Preto), sede da capitania, à região diamantina e daí, a partir da *V.^a do Príncipe* (Serro) ou do *Tejuco* (Diamantina), à Capitania da Bahia e à de Pernambuco. Esses caminhos correspondem aos que se estabeleceram ao longo da margem oriental do Rio São Francisco e das vertentes orientais e ocidentais da Serra do Espinhaço. Dentre eles, encontra-se o famoso Caminho do Gado ou da Bahia.³⁵

No *Mappa Topografico e Idrografico*, os caminhos do Campo e do Mato, ainda na Comarca do Serro, se unem nas proximidades das nascentes do *Rio Parauna* (Paraúnas), onde o autor localizou um arraial e um registro homônimos do rio (distrito de Conceição do Mato Dentro). A partir dessa localidade se estabelece uma ligação que, após passar pelo arraial e registro de *Gouveyo* (hoje cidade de Gouveia), cruza o Rio São Francisco na altura da capela *Papagaios* (cidade de Papagaios), articulando, daí, os caminhos para as vilas e paróquias da Comarca de Sabará. Dessa comarca para a Capitania de Goiás, a única ligação efetivamente assinalada é a articulada ao noroeste do território, a partir da paróquia de *Pracatu* (Paracatu). Na Comarca de Sabará – a cuja jurisdição pertence Paracatu –, na sua região centro e sul, há várias ligações que são terminadas por registros, entre outros, o *Registro da Gontas* e o *do Prata*, já referidos.

Em relação às ligações da Capitania de Minas Gerais com a de São Paulo, estabelecidas na Comarca do Rio das Mortes, verifica-se a existência de sete desses caminhos. Um desses, muito próximo dos limites com a Capitania do Rio de Janeiro, é marcado, já no interior do território mineiro, pelo registro denominado *Picada da luruoca*, que em parte do seu trajeto, nesse território, corresponde ao do antigo caminho que ligava Paraty (Parati, RJ) a *Villa Rica* (Ouro Preto). Outras duas ligações, também atravessando a Mantiqueira, foram assinaladas já na Capitania de Minas, respectivamente, pelo *Reg.^o da Mantiqr.^a* e pela capela de *Itajuba* (Itajubá).

Duas outras ligações são marcadas no território de Minas, respectivamente, pelo registro do *Jaguari* (Extrema) e por uma fazenda onde se encontra a denominação *Ponte nova do Jaguari*. Dois outros caminhos, como os anteriores, unidos na Capitania de São Paulo, são assinalados já no território mineiro como caminhos diferentes, um pelo Arraial do *Rio Pardo* e o outro pelo Arraial e Registro *Jacui* (Jacuí). A partir do caminho marcado em Jacuí, verifica-se a existência de outro que chega aos limites da Capitania de Minas com Goiás, sem indicação de registro.

Sobre as povoações, há no *Mappa Topografico e Idrografico* algo de insólito na apresentação dos seus tipos na legenda e na sua representação. Por meio de signos-símbolos, o autor anônimo distingue cidades, vilas, arraiais, paróquias e capelas. Tanto a configuração dos signos-símbolos como a ordem em que foram anotados na legenda sugerem que as povoações foram apresentadas segundo categorias hierárquicas, político-administrativas. Além disso, essa informação é a única do conjunto representado no mapa que não foi expressa e obtida na escala de mensuração nominal e, sim, ordinal. Santos, a propósito do estudo sobre a *Carta Geographica*, que apresenta características semelhantes às apontadas

anteriormente, observa que o registro da hierarquia das povoações e a natureza distinta da escala de mensuração dessa informação não eram incomuns nos mapas do Setecentos e do Oitocentos da Capitania de Minas Gerais. No entanto, na enumeração dos elementos dessa hierarquia, ao incluir a categoria arraiais, o mapa de Miranda torna-se distinto de todos os outros da capitania, com exceção ao *Mappa Topografico e Idrografico*.³⁶

Um e outro, ao distinguirem esse tipo de povoação, incorrem, entretanto, em erro conceitual, uma vez que as categorias capela e paróquia ou freguesia pertencem também ao gênero arraial. Essa informação, por sua vez, encontra-se em dois mapas denominados igualmente *Mappa da Capitania de Minas Geraes*, pertencentes ao AHEx.³⁷ Trata-se de cópias datadas de 1870 e assinadas pelo capitão Antônio Vilella de Castro Tavares e por Luis Maria da Silva Pinto, sem indicação da autoria do original. Neles, na nota justaposta à apresentação da legenda, pode-se ler: “Todas as paróquias e capelas são denominadas arraiais”.

Acrescenta-se, apoiando-se ainda em Santos *et al.*,³⁸ que essa informação é corroborada por outras referências que compilam informações de várias fontes primárias, como, por exemplo, a dos registros sobre topônimos de Minas Gerais, no dicionário histórico-geográfico elaborado por Waldemar de Almeida Barbosa.³⁹

Considerando o número de povoações representado, tanto no *Mappa Topografico e Idrografico* como na *Carta Geographica*, supõe-se que deve haver uma motivação ou uma explicação que possa ser descortinada para esses registros. No primeiro consta apenas uma povoação representada como arraial – o *Tejuco* (Diamantina) – enquanto no segundo estão marcadas várias povoações, inclusive o arraial citado. Esses dados estão expressos, com vistas a

comparações, a propósito de suas posições absoluta e relativa, nos Quadros 1 e 2.

Ressalta-se que no estudo sobre o mapa de Miranda foram levantadas algumas hipóteses, mas não se conseguiu a comprovação de nenhuma, para explicar a distinção da categoria arraiais. A mais promissora dessas hipóteses, fundada particularmente na situação do *Tejuco*, consistia na explicação de que a categoria foi associada aos povoados maiores e mais consolidados que, embora ainda fossem capelas, já podiam pretender a condição de freguesia ou paróquia. No estudo do *Mappa Topografico e Idrografico*, o conjunto de dados já expostos e outros sugerem que o autor quis realçar a situação especial do Arraial do Tejuco. A povoação só adquire o estatuto de arraial-freguesia em 1817, porém, na sua planta realizada em 1784, já mencionada, constava a presença de oito templos religiosos e, por volta da década de 70 do Setecentos, uma população maior que a da *V.^a do Príncipe* (Serro), cabeça da Comarca do Serro, onde o arraial se localizava.⁴⁰

Salvo essa questão sobre as povoações da capitania, nota-se que os dados sobre aquelas classificadas como paróquias ou capelas nem sempre correspondem aos de outras fontes. Muitas das informações não estão de acordo com as constantes do dicionário de Barbosa, nem com as registradas pelo Instituto de Geociências Aplicadas; em estudo feito em 1993.⁴¹ Desse modo, é preciso ter cautela ao se aceitar a classificação proposta pelo autor do *Mappa Topografico e Idrografico*. Em relação às vilas da capitania, ele registra, no espaço de representação, sua condição político-administrativa, no topônimo, e com o significante presente na legenda. As vilas representadas correspondem às que foram criadas entre 1711 a 1791, a saber: *V.^a R^a* (Ouro Pret); *V.^a de Sabara* (Sabará); *V.^a de S. João* (São João del-Rei); *V.^a do Princepe* (Serro); *V.^a de Pitangui* (Pitangui); *V.^a*

de S. Joze (Tiradentes); *V.^a do Bom Sucesso* (Minas Nova); *V.^a Tamanduá* (Itapeperica); *V.^a Nova de Barbacena* (Barbacena); e *V.^a Queluz* (Conselheiro Lafaeite). Entre vilas criadas no período citado, o autor assinala a posição, mas não registra o topônimo da *Vila Nova da Rainha* (Caeté).

A propósito da então única cidade da capitania, ela se encontra devidamente registrada no mapa, não obstante com a denominação *Leal Vila do Ribeirão do Carmo* (Mariana), que remete àquela dada pelo conde de Assumar, em 1720. Nota-se que a vila que deu origem à cidade foi criada com o nome *Real Vila de N. S. do Carmo*, por Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador da Capitania da Coroa de São Paulo e Minas do Ouro (1710-1713). Essa vila tornou-se a cidade de Mariana, sua denominação atual, em 1745, no segundo governo de Gomes Freire de Andrade.⁴²

Considerações finais

No título *Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* encontram-se dois qualificativos para a representação, seguidos do locativo. Esse tipo de nomeação não é comum entre as representações do Setecentos e início do Oitocentos, exceto na *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes e na Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes e Partes Confinantes*, de 1767, pois ambas apresentam apenas um qualificativo para a capitania. Embora diferentes, os mapas apontados, como todos os outros, em razão de sua escala e dos elementos topográficos e altimétricos que representam, podem ser considerados mapas corográficos. Essa classificação é derivada da tipologia de Fortes.⁴³ Nesse sentido, a diferença dos dados entre eles está muito mais relacionada à escala do que à classe de uma tipologia. Esse fato, contudo, representa um aspecto de grande interesse, pois favorece os estudos do conjunto.

Com base na classificação do *Mappa Topografico e Idrografico*, a partir de um estudo eminentemente qualitativo, pode-se avaliar favoravelmente a qualidade das informações representadas, embora não seja possível estabelecer um julgamento balizado na precisão geográfica. Levando-se em conta os aspectos estudados, pode-se afirmar que os dados presentes nesse mapa agregam mais informações que os presentes nos outros mapas realizados no Setecentos e no início do Oitocentos, dos quais foram feitas menções neste artigo.

Esses dados, principalmente as informações presentes nas notas – que marcavam a posição das fronteiras dos sertões à época, as alusões aos governadores da capitania, e, sobretudo, as povoações assinaladas como vilas –, permitem indicar uma data provável para a informação cartografada. Acredita-se que o mapa seja realmente do século XVIII, do início da última década do Setecentos, constituindo portanto uma fonte cartográfica histórica de grande interesse e valor para a reconstrução da geografia histórica da Capitania de Minas Gerais.

Notas |

1. *Mapa Topográfico e Idrografico da Capitania de Minas Gerais*. s. a. – Escala: [Ca. 1: 1610 000], 30 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 11,5 cm. –s.d.. – 1mpa:ms.,color.; BN – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

2. De todos os exemplares relacionados do *Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes*, o que proporciona as melhores condições de legibilidade é o da BN, que pode ser visto no seguinte endereço eletrônico: [http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&use=sh&rn=1&disp=list&so rt=off&ss=22164734&arg=minas%20gerais%20\(brazil\)%20-%20 maps,%20manuscript%20-%20early%20works%20to%201800](http://bndigital.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=fbn_dig_pr&db=fbn_dig&use=sh&rn=1&disp=list&so rt=off&ss=22164734&arg=minas%20gerais%20(brazil)%20-%20 maps,%20manuscript%20-%20early%20works%20to%201800). Sua descrição pode ser encontrada no site: http://catcrd.bn.br/scripts/odwp032k.dll?t=nav&pr=cartografia_pr&db=cartografia&use=cs0&rn=1&disp=card&sort=off&ss=22682448&arg=idrografico.

3. BOSCHI, Caio César. *Fontes primárias para a história de Minas Gerais em Portugal*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1998. p. 68.

4. BOSCHI. *Fontes primárias para a história de Minas Gerais em Portugal*, p. 68.

5. ADONIAS, Isa. *Mapa: imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1993. p. 228. SANTOS, Márcia Maria Duarte dos (Org.). *Minas Gerais em mapas*. Catálogo Digital do

Centro de Referência em Cartografia Histórica. Belo Horizonte: Centro de Referência em Cartografia Histórica, Instituto de Geociências (UFMG), 2003. (CD-ROM)

6. FONSECA, Cláudia Damasceno. *Des terres aux villes de l'or: pouvoirs et territoires urbains au Minas Gerais (Brésil, XVIII^e siècle)*. Paris: Fundação Cultural Calouste Gulbenkian, 2003. p. 70.

7. Essa projeção é denominada *Plate Careé*, em francês, e *Flat square* ou *Equirectangular projection*, em inglês. Manoel de Azevedo Fortes (1722;1729) já a indicava, para os engenheiros militares portugueses, com vistas à elaboração de mapas geográficos ou para a representação de territórios sem uma grande extensão longitudinal, a partir da publicação dos seus tratados. Cf. CINTRA, Jorge Pimentel; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Análise da Carta Geográfica da Capitania de Minas Gerais de 1804. In: *Anais do III Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*. Ouro Preto, MG: Centro de Referência em Cartografia Histórica, UFMG, 2009 (CD-ROM).

8. Sobre o modo de se referenciar as longitudes, segundo paradigmas diferentes da cartografia, cf. SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Técnicas e elementos da Cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império. In: COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Roteiro Prático da Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 51-82; SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*; SANTOS JUNIOR, Robson de Paula; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. Meridianos de origem: escolhas históricas. In: *Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Cartografia e I Congresso Brasileiro de Geoprocessamento*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Cartografia, 2007.

9. O meridiano de Ferro, ou meridiano de Paris, rivalizou com o meridiano de Greenwich, até ser por ele destronado em 1884 como *prime meridian of the world*.

10. Nesse período, em relação à cartografia luso-brasileira, encontram-se nas suas representações referências ao meridiano de Lisboa, ao de Paris e até ao de Greenwich, porém, de modo geral, associadas à representação do meridiano de Ferro, como observa SANTOS. Técnicas e elementos da Cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império, p. 75.

11. Citam-se, além da posição do meridiano de Ferro em relação ao de Greenwich, as posições relativas ao de Paris, W20º 00'00", e ao de Lisboa, 80 22'55". Cf. SANTOS. Técnicas e elementos da Cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império, p. 75.

12. *Mappa da Capitania de Minas Geraes: que mandou fazer o Illmo. e Exmo. senhor D. Anto. de Noronha, governador e capitão genl. da mesma capitania. José Joaquim da Rocha*. - Escala: [ca. 1: 1 48 500], 30 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 12,5 cm. -1777. -1 mpa: ms, col.; 89,2 x 34,5 cm; BN – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ. *Mappa da Capitania de Minas Geraes Com A devisa De Suas Comarcas. José Joaquim da Rocha*. Escala: [ca. 1: 2 900 000], 40 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 8,5 cm. -1778. -1mpa:ms., color.; 73,5 x 44,5cm;AHEx -Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ.

13. *Planta Geral da Capitania de Minas Geraes*. s.a. -Escala: [Ca. 1: 3 290 000], 40 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 7,5 cm. – s.d. – 1 mpa: lit,color.; 47,0 x39,4cm; BN – Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

14. COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Cartografia das Minas Gerais: da Capitania à Província*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. SANTOS (Org.). *Minas Gerais em mapas*, 2003. COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *A Cartografia da Conquista do Território das Minas*. 2004. FURTADO, Júnia Ferreira. Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 155-187, jul.-dez. 2009.

15. *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes*: Anno de 1804. Caetano Luís de Miranda. - Escala: [ca. 1: 1 650 000], 20 legoas (Légua

de 18 ao grau = 617283 cm) = 7,5 cm. -1804. -1 mpa: ms, color.; 75,0 x 68.2 cm; AHEx -Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ.

16. CINTRA; SANTOS. Análise da Carta Geográfica da Capitania de Minas Gerais de 1804.

17. Cf. OLIVEIRA, Cêurio de. *Dicionário cartográfico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1993. p. 217.

18. Cf. OLIVEIRA. *Dicionário cartográfico*, p. 502.

19. Cf. CINTRA; SANTOS. Análise da Carta Geográfica da Capitania de Minas Gerais de 1804. Sobre mais informações sobre o procedimento de conversão de valores de longitude, remete-se ao trabalho de MARQUES, Miguel da Silva. *Cartografia Antiga*: tabela de equivalências de medidas, cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas. Lisboa: Ministério da Cultura, 2001. p. 95-100; e de SANTOS JUNIOR; SANTOS. Meridianos de origem: escolhas históricas.

20. Cf. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*; e CINTRA; SANTOS. Análise da Carta Geográfica da Capitania de Minas Gerais de 1804.

21. MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Arraial do Tejuco, cidade Diamantina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1944. (Publicação do SPHAN, n. 12.) e SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Districto Diamantino. Comarca do Serro Frio (Província de Minas Gerais)*. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1924.

22. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

23. Nessa representação cartográfica, referenciada a seguir, encontra-se grafado "Teiuco", no lugar de "Tejuco": *Planta do Arraial do Teiuco*. Antônio Pinto de Miranda. – Escala [Não determinada], esc. gráfica 80 braças.-1784. – 1 mapa: ms, color. 38,9x 52,0 cm. (AHEx - Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ).

24. O talento de Miranda é revelado, por exemplo, em uma iconografia, conhecida por sua beleza e pelos aspectos descritivos referentes à lavra de diamantes, denominada: *Vista do serviço Diamantino do Monteiro no rio Gequitinhonha. Para ser presente ao Ilmo. E Exmo. Sr. Pedro Maria Xavier de Ataíde e Melo, Fidalgo da Casa de S. A R. e do Concelho do mesmo Senhor, Governador e Capitão Geral de Minas Geraes. Offerecido por Modesto Antonio Maier, Inten.^{de} dos Diamantes*. Tijuco, 1803. Miranda fes. Caetano Luís de Miranda (Escala: [Não determinada]. -1803. -1 desenho: ms, color.; 78 x 151cm. MO - Museu do Ouro, Sabará, MG).

Em relação aos trabalhos cartográficos de Miranda, são conhecidos: [Itinerário da] *Viagem de João Severiano Terrabuzi do Rio de Janeiro ate a Villa do Bom sucesso em Minas em 1814*. Caetano Luís de Miranda. – Escala: s/esc.. – 1814. – 1 mapa: ms, color.; 47,8 x 37,3 cm; MO - Museu do Ouro, Sabará, MG; bem como o *Mappa da Freguezia da Villa do Príncipe que contem a Nordeste a Applicação do Rio Negro: no Centro a Demarcação Diamantina, encravada nesta, e em parte da Freguezia do Rio Vermelho ao oriente; e a Sueste o Território da Villa do Príncipe, Itambé, Rio do Peixe e Guanhãs*. (Caetano Luís de Miranda. –Escala: [não determinada], esc. gráfica de 9 legoas de 18 ao grão. – 1820. – 1 mapa: ms, col.; 32,3 x 29,2 cm. AHEx -Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

25. Como o autor do *Mappa Topografico e Idrografico* não qualifica a medida da légua empregada na escala, considerou-se a equivalente a 18^a parte de um grau de latitude – 18,00^o –, o que corresponde ao seguinte valor em centímetros, 617,283, de acordo com MARQUES. *Cartografia Antiga...*, p. 53. Para a medida da polegada, foi considerado o valor de 2,75cm, também de acordo com Marques. Essas medidas do sistema métrico decimal foram também consideradas para todos os

outros cálculos de escala apresentados neste artigo, considerando o seu emprego muito comum na época.

26. CARTA GEOGRAPHICA DA CAPITANIA DE MINAS GERAES, E PARTES CONFINANTES. s. a. – Escala: [ca. de 1: 736 000], 18 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 15,1. 1767. – 1 mpa:MS., col.; 128,0 x 174,0 cm; AHEx - Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ.

27. Neste trabalho emprega-se uma tipologia de signos cartográficos que compreende os signos-símbolos, bem como os signos-ícones e signos-sinais. Segundo Santos (cf. Técnicas e elementos da Cartografia da América Portuguesa e do Brasil Império, p. 59), os signos cartográficos podem ser "idealizados com a intenção de reproduzir ou representar um objeto, um ser, um atributo, etc., considerando, respectivamente: características particulares – construindo, nesse caso, um signo-ícone; ou relações de semelhança, mesmo que remotas, e outras ilações, sugeridas por hábitos ou valores próprios de uma cultura, etc. – elaborando um signo-símbolo. Um signo criado para representar algo pode se apresentar, também, arbitrária e imotivadamente associado ao elemento que denota, classificando-se como signo-sinal".

28. ROCHA, José Joaquim da. *Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais: descrição geográfica, topográfica, histórica e política da Capitania de Minas Gerais*. Coord. Maria Efigênia Lage de Resende. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995.

29. Referência a Luis Diogo Lobo da Silva, governador da capitania entre 1763 e 1773.

30. Todas as referências sobre localização de qualquer elemento presente no mapa, registrado em notas e na legenda, são balizadas pelas próprias informações da representação. A título de exemplo, quando se menciona o Rio São Mateus, está se referindo ao topônimo registrado pelo autor, sem considerar que o elemento indicado é conhecido por outro nome, atualmente.

31. Rodrigo José de Meneses, conde de Cavaleiros, governador entre 1780 a 1783.

32. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

33. ROCHA. *Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais...*

34. De acordo com COSTA, Antônio Gilberto (Org.). *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*. Lisboa: Kapa; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 42.

35. COSTA. *Os Caminhos do Ouro e a Estrada Real*, p. 57; SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

36. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

37. *Mappa da Capitania de Minas Geraes. Copiado pelo Cap Antonio Vilella de Castro Tavares em 1870*. –Escala: [Ca. 1:1 450 430], 20 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 8,5. – cópia 1870. – 1 mpa:MS, col.; 81cm x 91,5cm. (AHEx -Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ). *Mappa da Capitania de Minas Geraes. Copiado pelo Luís Maria da Silva Pinto em 1870*. –Escala: [Ca. 1: 450 430], 20 legoas (Légua de 18 ao grau = 617283 cm) = 8,5 cm. – cópia 1870. – 1 mpa:MS, col.; 82,0 x 92,5 m.. (AHEx -Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro, RJ). Cf. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

38. SANTOS. *A Capitania de Minas Gerais no início dos Oitocentos, segundo a cartografia de Caetano Luiz de Miranda*.

39. BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

40. Cf. ROCHA. *Geografia histórica da Capitania de Minas Gerais...*, p. 137.

41. INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS. *As denominações urbanas de minas Gerais: cidades e vilas mineiras com estudo toponímico e da categoria administrativa*. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 1993.

42. CARVALHO, Teófilo Feu de. *Comarcas e termos: Creações, supressões, restaurações, incorporações e desmembramentos de Comarcas e termos, em Minas Geraes (1709-1915)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Geraes, 1922. BARBOSA. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*.

43. FORTES, Manoel de Azevedo. *Tratado do modo mais faccil e exacto de se fazer as cartas geographicas, assim de terra, como de mar, e tirar as plantas das praças*. Lisboa, 1722. FORTES, Manoel de Azevedo. *O engenheiro portuguez*. Lisboa, 1729. tomo I.

Márcia Maria Duarte dos Santos é coordenadora de ações educativas do Centro de Referência em Cartografia Histórica (CRCH), Museu de História Natural e Jardim Botânico (MHNJB), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

QUADRO 1 | Distribuição das povoações da Capitania de Minas Gerais, por comarca, de acordo com a classificação político-administrativa presente no *Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes*.

Comarcas	Serro Frio	Vila Rica	Rio das Mortes	Sabará	Capitania de Minas Gerais	
	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Relativo
Capela	35	33	68	56	192	87,0
Arraial	1	0	0	0	1	0,5
Paróquia	5	2	3	6	16	7,0
Vila	2	1	5	3	10	5,0
Cidade	0	1	0	0	1	0,5
TOTAL	43	37	76	65	220	100

Fonte: Extraído por contagem do *Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes* (s.d., s.a, Biblioteca Nacional, BN/RJ).

QUADRO 2 | Distribuição das povoações da Capitania de Minas Gerais, por comarca, de acordo com a classificação político-administrativa presente na *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes*.

Povoações	Vila Rica	Sabará	Serro Frio	Rio das Mortes	Capitania de Minas Gerais	
	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Absoluto	Nº Relativo
Cidade	1	0	0	0	1	0,5
Vila cabeça de comarca	1	1	1	1	4	2,0
Vila	0	3	1	5	9	5,0
Freguesia	8	11	3	3	15	8,0
Arraial	10	10	23	2	45	26,0
Capela	21	28	16	41	106	59,0
TOTAL	41	53	44	52	180	

Fonte: Extraído por contagem da *Carta Geographica da Capitania de Minas Geraes* (1804, Caetano Luis de Miranda, Arquivo Histórico do Exército, AHEx/RJ).